

Da genética à antropologia: os códigos culturais podem ser revisados

A humanidade tem o seu código cultural que registra as características do ser enquanto humano, mas depois de dividida em sociedades, a diversidade desses códigos torna-se expressiva e existe exatamente para evidenciar as diferenças. Quem nasce no sul é diferente daquele que nasce no norte, seja no sul do globo, no norte do continente, no sul do país, no norte da cidade. Norte e sul nunca são iguais. Quem nasceu de uma mãe índia pode até aprender a falar outras línguas, viajar o mundo, manejar corretamente os talheres, mas será sempre portador de um código cultural indígena.

Esses códigos culturais podem explicar muitas ações do homem diante da história. Por que consumimos, por exemplo, mais de 50% de produtos dispensáveis? Por que os alemães mataram tantos pela existência de uma raça pura? Por que homens e mulheres atam bombas aos próprios corpos para matar cidadãos, com o objetivo de manter vivas suas crenças?

A futurista Hazel Henderson fala de ADN cultural (em inglês) e DNA cultural (em português) em seu livro *Construindo um mundo onde todos ganhem – A vida depois da guerra da economia global*, mas a origem desta temática está em um artigo publicado em uma revista da Universidade de Chicago, em 1970, pelo oncologista e biólogo Van Rensselear Potter, conhecido pela criação do neologismo bioética. Nesse artigo, ele faz uma

analogia entre DNA e a idéia. Diz ele que:¹

o DNA é o menor denominador comum do sistema biológico. A idéia, o menor denominador comum no sistema cultural. Ambas estas peças básicas dos dois sistemas evolutivos tratam essencialmente de informação segundo um modelo cibernético. Assim, sete capacidades são comuns à informação presente no DNA e na idéia: armazenamento, diversidade infinita, replicação, recombinação, mutação, expressão com feed-back e luta para sobreviver. O DNA está armazenado nos cromossomos e, atualmente, nas bibliotecas de DNA ao lado das bibliotecas com livros onde se armazenam as idéias. A evolução biológica ocorre quando há replicação do DNA, com ou sem erros, recombinação e mutação; a expressão da neo-informação é regulada por feed-back e toda essa biologia molecular do DNA tem como fim último a sobrevivência das moléculas e dos seres individuais que elas constituem, a espécie que forma e, certamente, a própria vida biológica, pois também a evolução cultural se faz, no sistema das idéias, por uma replicação permanente – milhões de cérebros a produzem constantemente. As mudanças de paradigmas são como as mutações e as recombinações, sendo certo que o diálogo, a controvérsia e o debate público são um mecanismo de feed-back: todo esse fer-

¹ Texto extraído da página na Internet do patologista Daniel Serrão.

vilhar das idéias deveria servir para a sobrevivência dos homens como seres sociais e para a paz entre os povos.

Interessados pela concepção de DNA cultural (para manter a origem do nome, chamaremos de ADN cultural), buscamos contato com o cientista Daniel Serrão, médico, professor, doutor em anatomia patológica, morador em Portugal, para aprofundar o entendimento sobre o ADN cultural. Nossa busca era por confirmações, se possível, de que uma localidade regional pudesse constituir o seu próprio ADN cultural a partir de uma política de interesse. O cientista concedeu entrevista à revista *Temática*:

RT – O senhor pode definir ADN cultural de maneira que não-especialistas entendam?

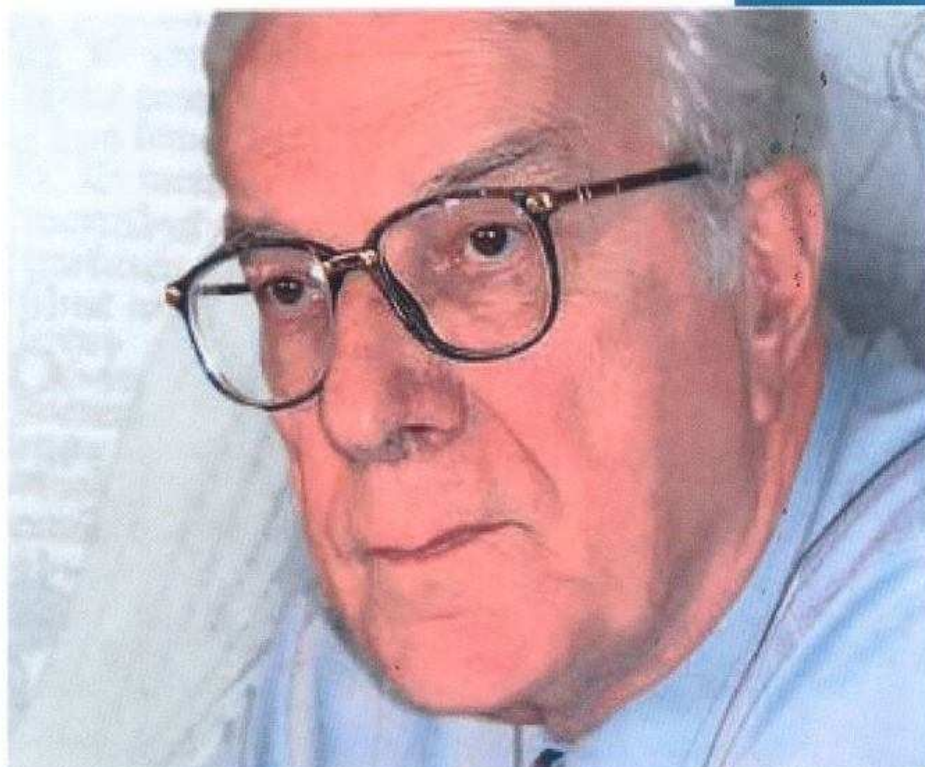
DS – Van Potter era um biólogo molecular que trabalhou principalmente em oncologia.

Percebeu que a “informação” registrada no ADN das células condicionava a sua evolução para célula diferenciada ou para célula cancerosa.

Quando inventou a nova disciplina do pensamento a que chamou **bioética**, teve a seguinte intuição: se no *bios*, tudo depende da transmissão hereditária de partes do ADN, os genes, onde está uma informação, no *ethos*, que é o conhecimento da forma par-

ticular de ser e de estar do Homem no mundo, também devem existir *genes* que condicionem os principais comportamentos humanos, especialmente os comportamentos de repercussão social, já que os seres humanos não sobrevivem isolados; os ditos genes são as idéias sobre o Homem, e o ADN onde essas idéias estão arquivadas é a cultura especificamente humana. Logo, há um ADN cultural.

RT – É possível, dentro de uma sociedade globalizada, trabalhar a proposta do fortalecimento do ADN cultural com expressões regionais, consi-



derando um aglomerado de municípios?

DS – É possível porque uma globalização cultural é uma utopia que nunca será realizada, nem em milhões de anos. O que existe globalizado é a socialização obrigatória de sobrevivência da espécie, que

é um homem, uma mulher, uma relação sexual procriativa e os filhos. Tudo o mais é aleatório: a associação de casais procriadores, em grupos mais ou menos numerosos, depende sempre das necessidades de assegurar a sobrevivência da espécie e não do indivíduo. Com casais procriadores, junto de um braço de rio na Amazônia, sobrevivem a milhares de anos, mas se fossem mil já não sobreviveriam e avançariam para uma organização diferente do seu viver social. Os grupos de casais procriadores humanos foram evoluindo para povos errantes, depois para povos vinculados a um território e usando uma língua de comunicação oral comum, e este agrupamento é a região. Em algumas zonas do mundo, as regiões agruparam-se alargando o território e passaram a nações. Algumas nações organizaram-se politicamente e passaram a Estados, de que é modelo a versão atual do Estado democrático e justo, e, em certas áreas do mundo, os Estados uniram-se em federações ou uniões de Estados, como é o caso do Brasil e da América do Norte. Também da União Europeia. Mas nada disso é globalização. Os pares procriadores, o pequeno povo ou a região com um mesmo povo continuam tão reais e sólidos como eram antes da evolu-

“Não tenhamos medo de ser pioneiros mesmo que, à nossa volta, os vizinhos assobiem para o lado.”

ção para nações ou Estados. No fundo, esta evolução só é válida na medida em que satisfaz os interesses e necessidades dos pares procriadores originais da espécie humana.

O ADN cultural do par procriador e do pequeno povo agrupado em região com vínculo territorial é a garantia da sobrevivência. O município como forma de organização política das regiões é anterior à organização política em Estados e tem o seu ADN cultural próprio.

RT – A formação do ADN cultural é reflexo de quanto tempo de permanência de suas idéias?

DS – O ADN cultural, como o ADN genômico, faz-se por introdução e memorização de informações necessárias à sobrevivência,

ao longo do tempo. Em cada tempo, vale a informação boa para esse fim que é a sobrevivência. Um ADN impróprio leva a célula à morte ou ao cancro e leva o grupo humano à loucura da guerra, à destruição da natureza, à implosão do grupo e à sua extinção em massa.

RT – É possível combater o ADN cultural de uma sociedade posta? Se for possível, como isso pode acontecer?

DS – É sempre possível, e é isso que faz

com que os seres humanos sejam uma espécie triunfante dos Pólos Árticos cobertos de gelo à selva equatorial e à sofisticação da 5ª Avenida, em Nova Iorque. A reflexão bioética é o instrumento capaz de combater os defeitos do ADN cultural, porque obriga a cruzar os saberes da Biologia com os saberes das Ciências Humanas e Sociais para descrever e prescrever o que é feito para o melhor bem dos homens e o que é feito para a sua destruição.

RT – Qual o papel da mídia na formação do ADN cultural?

DS – A mídia tem hoje o papel que tinham nas sociedades primitivas os contadores de mitos, que explicavam às pessoas por que as coisas eram como eram e diziam-lhes como deviam ser protegidas – nem que fosse pelo temor aos deuses. Hoje os mitos fundacionais e defensores das sociedades são contados pela mídia e é ela que vigia e protege os diferentes genes do ADN cultural. Só que a mídia tem de ser, ela própria, culta e independente

de todos os interesses que não estejam voltados para o melhor bem de cada ser humano e para a melhoria da condição humana, em geral.

RT – Alguns especialistas dizem que a contrapartida da globalização é o fortalecimento das culturas regionais. O senhor concorda com esta afirmação?

DS – Mesmo que cada cidadão, em qualquer recanto do mundo, disponha de um celular, a comunicação não está culturalmente globalizada. O pigmeu do Congo fala-me da falta de sal e eu lhe respondo com o preço do barril do petróleo; o esquimó lamenta a dificuldade cada vez



maior em apanhar focas para sobreviver e o ecologista do Green Peace diz-lhe que coma vegetais. A caricatura é só para repetir que a globalização cultural é um mito utópico que nunca será realizado.

Cada ser humano, cada par procriador, cada grupo de seres humanos com interesses comuns, são os criadores do seu ADN

cultural; de sobrevivência, primeiro, de vida boa, depois, de felicidade e paz, finalmente.

Cada grupo humano tem de criar e preservar os genes do seu ADN cultural e só aceitar as mutações que sejam para a maior eficiência do todo social, que sejam mutações de vida e não mutações de morte.

RT – Como fortalecer idéias regionais em um mundo globalizado? Este tema trata de ADN cultural?

DS – Se em cada região todos os meios de proteção do habitat humano forem postos em ação, toda a natureza será salva. Mas esse resultado global não será o fruto de uma política global, e sim da soma das políticas regionais de proteção. O que cada um pratica no uso do seu ADN cultural individual é que pode ser eficaz. Não tenhamos medo de ser pioneiros mesmo que, à nossa volta, os vizinhos assobi-

em para o lado.

RT – É possível, de maneira desejada, inserir um novo código cultural em uma sociedade escolhida?

DS – É possível. Tivemos o exemplo na Alemanha que, tomando conta de uma ge-

ração desde a idade infantil até o fim do curso médio ou superior, criou uma cultura Nazi, em que o mais importante para todos os alemães não eram as pessoas individuais mas o POVO ALEMÃO. Outro exemplo é o atual fenômeno da cultura fundamentalista islâmica, que arrasta para a morte milhares de jovens aos quais as “madrassas” incutem uma cultura de morte sacrificial que constitui um ADN cultural. Finalmente, juntando um ADN genético, com os casamentos internos, com o iso-

lamento social – os ciganos mantêm um ADN cultural que resiste a tudo e manifesta-se na Europa ou nas Américas, sem se deixar diluir nas outras culturas como as quais, altivamente, vivem e rejeitam.

“Cada grupo humano tem de criar e preservar os genes do seu ADN cultural e só aceitar as mutações que sejam para a maior eficiência do todo social, que sejam mutações de vida e não mutações de morte.”